

Título:	SAÚDE DIGITAL E HIV: POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO USO DE APLICATIVOS MÓVEIS		
Autores:	Ana Paula Schüncke Giovanna Ballico Ana Louise Oliveira da Silva Laura Holzschuh Melchior Antônia Zacharias Kirst Cristiane Pimentel Hernandes Vera Elenei da Costa Somavilla Camilo Darsie Douglas Weber		
Área	<input type="checkbox"/> Humanas <input type="checkbox"/> Sociais Aplicadas <input checked="" type="checkbox"/> Biológicas e da Saúde <input type="checkbox"/> Exatas, da Terra e Engenharias	Dimensão:	<input type="checkbox"/> Ensino <input checked="" type="checkbox"/> Pesquisa <input type="checkbox"/> Extensão <input type="checkbox"/> Inovação
Resumo: <p>INTRODUÇÃO: A infecção pelo HIV ainda representa um desafio global e nacional para a saúde pública, com crescimento de novos casos, sobretudo entre jovens e populações em situação de vulnerabilidade. Apesar dos avanços alcançados com a terapia antirretroviral (TARV), que transformaram a infecção em condição crônica controlável, persistem barreiras para o controle da epidemia, como o estigma social, as desigualdades socioeconômicas e as dificuldades relacionadas à adesão ao tratamento. Nesse contexto, tecnologias digitais em saúde têm sido incorporadas como estratégias inovadoras de apoio ao cuidado, oferecendo recursos como lembretes de medicação, acompanhamento de consultas e suporte comportamental. OBJETIVO: Analisar o papel dos aplicativos móveis como aliados na adesão ao tratamento e no autocuidado de pessoas vivendo com HIV, considerando aspectos de acesso, usabilidade, barreiras e potencialidades dessas ferramentas digitais. MÉTODO: Trata-se de um estudo de caráter analítico e quantitativo, desenvolvido a partir de revisão de literatura e da coleta de dados primários com 14 pacientes vivendo com HIV, com idades entre 20 e 66 anos. A pesquisa de campo complementou os dados com entrevistas estruturadas, abordando perfil sociodemográfico, acesso e uso de aplicativos, percepções sobre eficácia, vantagens e desvantagens dessas tecnologias. RESULTADOS: Os resultados evidenciaram que todos os participantes possuíam smartphones, majoritariamente com sistema Android, o que indica potencial de alcance da saúde digital. Contudo, apenas 2 relataram usar aplicativos relacionados à saúde, e a maioria (71,4%) não identificou clareza sobre a finalidade de aplicativos já instalados. Entre os entrevistados, 64% eram mulheres, muitas atuando em ocupações informais e de baixa remuneração, com predomínio de baixa escolaridade, fatores que reforçam vulnerabilidades sociais e a dependência exclusiva do Sistema Único de Saúde. Embora 42,9% dos participantes tenham reconhecido vantagens dos aplicativos – como estímulo à prática de exercícios, controle do sono e rotinas saudáveis – a maioria apontou</p>			



desvantagens, destacando risco de desinformação, falta de interatividade, ausência de personalização, insegurança digital e preocupação com privacidade de dados. Além disso, 50% manifestaram receio de que tais tecnologias contribuam para a “medicalização” da vida cotidiana, reforçando a percepção de que os aplicativos não substituem a interação humana no cuidado em saúde. **CONCLUSÃO:** os aplicativos móveis apresentam potencial promissor para apoiar a adesão terapêutica e promover educação em saúde entre pessoas vivendo com HIV. No entanto, barreiras estruturais como baixa escolaridade, vulnerabilidade socioeconômica, conectividade limitada e desconfiança quanto à confiabilidade das informações dificultam sua implementação efetiva no contexto brasileiro. Assim, faz-se necessário investir em estratégias digitais inclusivas, com design centrado no usuário, garantia de segurança e privacidade, e alinhamento às necessidades reais desse público, de modo a fortalecer a saúde digital como ferramenta complementar no enfrentamento da epidemia do HIV.

Link do Vídeo:

https://drive.google.com/file/d/1_K4sFqxcg8xmh45HFQfhLQIYbJEWpLdue/view?usp=drive_sdk